

A PRESENÇA DO TRÁGICO EM “A BENFAZEJA”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

ADELAIDE CARAMURU CÉZAR
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Resumo

Objetiva-se mostrar as marcas do trágico presentes no conto “A benfazeja” (*Primeiras estórias*, 1962), de João Guimarães Rosa. A desmedida (*hybris*), a fatalidade do destino, o bode expiatório (*pharmakós*) constituirão o centro do enfoque. O tom persuasivo do narrador do conto rosiano será confrontado com o de Atena em “Eumênides”, de Ésquilo.

Se venerais a sagrada Persuasão,
que faz minhas palavras parecerem mágicas
e cheias de doçura, concordai comigo
e sede para todo o sempre minhas hóspedes.
(Ésquilo)

Ao deparar-se o leitor com “A benfazeja”¹ de João Guimarães Rosa (1908-1967), logo se dá conta de que o universo trágico aí se faz presente. Esta compreensão imediata deve-se, numa primeira instância, a três passagens presentes no conto.

No primeiro parágrafo, lê-se: “Vocês todos nunca suspeitaram que ela pudesse arcar-se no mais fechado extremo, nos domínios do demasiado?”² É sabido que estar “nos domínios do demasiado” é especificidade do herói trágico. Trata-se da denominada *hybris* tão combatida no século V antes de Cristo, século este no qual os valores democráticos dominantes deveriam sacrificar, com respeito, os antigos valores aristocráticos agora não condizentes com a nova ordem social reinante: a primazia atribuída à *pólis*, em detrimento do *oikos*, lar. Apresentar Mula-Marmela,

personagem central de “A benfazeja”, como alguém situado “nos domínios do demasiado” significa colocá-la na ordem antiga das personagens que crêem em seus valores e por eles lutam incondicionalmente, sem recorrerem nunca a qualquer espécie de negociação que lhes propicie a fuga do destino. Antígona, Édipo, Ájax, Agamêmnon, entre muitos outros heróis gregos, caracterizam-se pela *hybris*, pela desmedida, sendo, por causa de tal especificidade, eliminados da comunidade grega, ainda que com muita dignidade. Mula-Marmela, personagem sertaneja de Guimarães Rosa, também será eliminada, porém sem usufruir o mesmo respeito que os heróis há pouco citados em suas respectivas cidades. Será papel do narrador ressaltar o pouco respeito que lhe é atribuído, exortando a comunidade a uma mudança de posicionamento frente àquela que tanto se preocupa com o bem estar da população.

No terceiro parágrafo de “A benfazeja”, o leitor depara-se com outra afirmação capaz de inserir Mula-Marmela no universo trágico: “Rica, outromodo, sim, pelo que do destino, o terrível”³. Além desta afirmação, há no conto como um todo a constante referência à determinação prévia dos atos de Mula-Marmela, independentemente de sua vontade. Veio ao mundo “com a sina presa de amar aquele homem, e de ser amada dele; e, juntos, enviados. Por quê?”⁴. Mais adiante, o narrador continua: “Se só ela poderia matar o homem que era o seu, ela teria de matá-lo. Se não cumprisse assim – se se recusasse a satisfazer o que todos, a sós, a todos os instantes, suplicavam enormemente – ela enlouqueceria?”⁵. Está claro que Mula-Marmela era um ser sem escolha. Veio ao mundo para limpá-lo de tudo que incomodasse o bem estar da comunidade. Mumbungo e Retrupé, seu marido e seu enteado, sendo representantes da desordem, deviam ser por ela eliminados. Seu destino é aquele próprio dos heróis trágicos: trata-se da não-escolha da escolha, trata-se da “necessidade que sobrecarrega e sobredetermina o ato”⁶.

No último parágrafo de “A benfazeja”, lê-se ainda: “Sem lhe oferecer ao menos qualquer espontânea esmola, vocês a viram partir: o que figurava a expedição do bode – seu expiar”⁷. A palavra “bode”, assim como a palavra “desmedida”, anteriormente apontada, remete, mais uma vez, de forma imediata, ao universo trágico. Está na própria origem da palavra tragédia. Paul Harvey em seu *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, afirma o seguinte:

A palavra “tragédia” (*tragoidia*) parece derivar de *tragoidoi*, significando provavelmente um coro cujos componentes caracterizavam-se por assemelhar-se a bodes (trágoi), ou dançavam por um bode como prêmio, ou em volta de um bode sacrificado.⁸

No conto de Guimarães Rosa, o narrador compara a saída de Mula-Marmela da cidade com “a expedição do bode”. O sentido etimológico da palavra tragédia

apontado por Harvey pode ser aplicado ao conto em questão. Ao dizer que a saída de Mula Marmela da cidade assemelhava-se à “expedição do bode”, leva-nos a crer que a comunidade a acompanhou à maneira de um coro. Assim sendo, seria o grupo que teria o aspecto de bode, de sátiros. Mula-Marmela seria o *pharmakós*, ou seja, o ser que deveria ser sacrificado para que a paz retornasse à cidade. Pode-se também entender que quem recebia a qualificação de bode era Mula-Marmela, estando aqueles que a acompanhavam praticando um ato ritual no qual a personagem feminina era sacrificada através da expulsão da cidade. O que importa é que a afirmação “Sem lhe oferecer ao menos qualquer espontânea esmola, vocês a viram partir: o que figurava a expedição do bode – seu expiar” divide o todo do vilarejo em dois grupos: de um lado, a personagem feminina sendo sacrificada; de outro, a comunidade acompanhando o sacrifício da heroína. Esta divisão reitera a maneira de ser da tragédia ática a opor personagem individual a personagem coletiva, estando a primeira no palco, a segunda na mediação entre o palco e a platéia, num espaço que lhe é criado.

Não se limita, no entanto, a passagem citada a ser o cortejo de expulsão de Mula-Marmela. Trata-se ainda de “seu expiar”, ou seja, do expiar da personagem. Expiar o quê? O assassinato de Mumbungo, seu marido? Mas não era ele “o avultado demo - o cão”, “célebre-cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias”¹⁰? Ou seria antes a cegueira de Retrupé seguida de seu possível assassinato? Mas não era ele “o cínico e canalha, vilão”¹¹? Assiste-se no conto rosiano, através do processo rememorativo de seu narrador que, embora homem de outras paragens, tudo sabe a respeito da família de Mula Marmela e de seu relacionamento com a comunidade, a um ritual de purificação. Resta saber se este ato desempenha o mesmo papel que se fazia presente na tragédia do quinto século antes de Cristo. Édipo deixa Tebas, depois de ter-se cegado, a fim de que a cidade possa ficar livre da peste que a assola. Édipo carregará sua pena vida afora, purificando-se gradativamente pelos padecimentos que se impõe. A cidade fica redimida. Édipo se salvará, morrendo como um sábio, depois de muito perambular. Será a função do sacrifício de Mula-Marmela a mesma que se faz presente em Édipo-rei? Esta resposta só pode ser oferecida mediante o enfoque das palavras do narrador presentes em “A benfazeja”.

Trata-se, conforme já foi anteriormente afirmado, de um narrador não pertencente à comunidade do vilarejo. “Sou de fora”¹², diz ele. Seu discurso se instaura num agora que tem como suporte um tempo anterior do qual teve conhecimento pelo relato de membros da comunidade. É no agora que, através de seu discurso, toma a defesa de Mula-Marmela. Seu fazer dá-se através da rememoração daquilo que os membros do vilarejo lhe contaram, instaurando os fatos rememorados numa nova ordem por ele estabelecida, ordem esta resultante

de seu conhecimento diferenciado enquanto homem da cidade, enquanto homem do universo da cultura. Com suas palavras quer persuadir a comunidade da necessidade de leitura diferenciada da história da personagem. É seu discurso que a situa no universo trágico, vendo nela, conforme já foi aqui abordado, um ser caracterizado pela desmedida, um ser marcado pelo destino, cujo resultado será seu sacrifício, sua expulsão da *pólis*, no caso, do vilarejo. Se o narrador lê os fatos a partir do que lhe foi contado, ao ordená-los de maneira a atribuir-lhes um sentido e a instaurá-los numa tradição, mostra-se conhecedor dos valores reinantes na tragédia, muito particularmente em *Eumênides*, de Ésquilo.

Nesta peça ocorre ao final o julgamento do matricida Orestes presidido por Palas Atena. De um lado, situam-se as Eríneas como advogadas de acusação; de outro, Apolo a defender Orestes. Pela primeira vez os homens votam a sentença do réu. Há empate de votos. Caberá a Palas Atena o desempate. Orestes é absolvido. Indignadas, as Erínias falam da profanação das antigas leis não escritas e prometem castigo à cidade. Com toda a diplomacia possível, Palas Atena, através de um discurso marcadamente persuasivo, induz as deusas ctônicas a permanecerem na cidade e a mudarem suas condutas. Segundo palavras da jovem deusa, as Erínias serão vistas não mais como vingadoras mas como protetoras da cidade, cumprindo-lhes cuidarem para que a ordem na *pólis* seja mantida. A proposta é aceita, de maneira a marcar as necessárias modificações impostas pelo novo tempo que se instaura: a democracia. As antigas forças selvagens do mal, da vingança, transformam-se em forças do bem, defensoras da paz da comunidade. A cidade, dado o fato de não poder escapar do selvagem, no caso, das deusas vingadoras, acaba por acolhê-lo, transfigurando-lhe a função. Ainda que agora benéficas, Eumênides, colocando seus préstimos a serviço da comunidade, foram um dia Eríneas, “forças primordiais cuja função essencial residia em guardar a recordação da afronta feita por um parente a outro, e fazê-lo pagar, seja qual for o tempo necessário para isso. (...) Representam o ódio, a recordação, a memória do erro, e a exigência de que o crime seja castigado”¹³. Vernant e Naquet afirmam o seguinte sobre *Eumênides*, de Ésquilo:

Nas Eumênides, a oposição entre a natureza selvagem e a civilização (...) vai aparecer em plena luz e desembocar no mundo político. É só em aparência que deixamos o mundo dos homens para ver o afrontamento entre os deuses. Pois é mesmo do homem e da cidade que em última instância se vai tratar.¹⁴

O título do conto, “A benfazeja”, remete de imediato a esta peça do século V antes de Cristo. Eumênides significa aquela que pratica o bem. Antes de serem Eumênides, as deusas ctônicas foram Eríneas. Como elas, Mula Marmela, a sertaneja, é também repelente: “A mulher – malandraja, a malacafar, suja de si, misericordiada,

tão em velha e feia, feita tonta, no crime não arrependida – e guia de um cego”¹⁵. Sua deformidade física, seu marido por ela assassinado, Mumbungo, seu enteado por ela cegado, Retrupé, marginalizam-na. A comunidade dela só sabe aquilo que convém para deixá-la de lado, para, depois de sua ação contra seus familiares, camufladamente, pela solidão que lhe impõe, expulsá-la da cidade sem a menor comoção.

À maneira de Palas Atena, o narrador assume no conto rosiano o discurso persuasivo da deusa na peça esquiliana. Esta, conforme já foi afirmado, dado o fato de estar concorde com o mundo político recém fundado, induz, pelo discurso persuasivo, as antigas deusas ctônicas à mudança de função. Estas deixam de ser as vingadoras Erínias para se transformarem nas protetoras Eumênides. Da mesma forma, o narrador presente em “A benfazeja” dirige suas palavras à comunidade interiorana, advogando a favor da criminosa Mula-Marmela, e tentando persuadir o grupo a uma necessária mudança de enfoque da sertaneja pelo narrador instaurada no universo trágico. Dúplice é, pois, o papel do narrador presente em “A benfazeja”: de um lado, apresenta-se como alguém que vem de fora, que fica sabendo por outrem os problemas do grupo; de outro, como alguém inserido na comunidade, capaz de indignar-se, enquanto ser humano, com a acomodação da comunidade diante do drama de uma personagem vista por ele como diferenciada. Parece haver no texto uma constante advertência no que diz respeito às promessas de respeito e de cidadania feitas por Palas Atena às deusas ctônicas:

Aqui está o que podeis obter de mim:
fazer e receber o bem e ser benditas
e veneradas numa terra mais que todas
querida pelos deuses, da qual vós sereis
desde este dia distinguidas cidadãs.¹⁶

Como falar de cidadania e respeito se a comunidade não atribui a Mula-Marmela e aos seus sequer um nome? O narrador parece reiteradamente estar a alertar a cidade a respeito dos descuidos com Mula-Marmela, a respeito de sua não ação, de sua passividade, frente à personagem que só pensa, segundo sua visão do fato, no bem estar de todos. Se ela é hoje uma benfazeja, se ela é hoje uma Eumênides, é preciso ter a lembrança de que um dia foi Erínea, Fúria, tratando-se, pois, de uma justiceira a encarnar a força sinistra da coletividade. Como a comunidade pode esquecer-se de sua história? Como pode relegá-la à condição de marginal? Indignado com a não integração de Mula-Marmela ao meio, com a ausência de competência ou de vontade de conhecê-la, o narrador rosiano estrutura seu discurso de maneira a denunciar a visão preconceituosa da comunidade e a propor uma outra leitura à história da sertaneja. Abre-se a narrativa rosiana com a denúncia da incapacidade da comunidade ver Mula-Marmela:

Sei que não atentaram na mulher; nem fosse possível. Vive-se perto demais, num lugarejo, às sombras frouxas, a gente se afaz ao devagar das pessoas. A gente não revê os que não valem a pena.¹⁷

O não valer a pena ater-se à figura de Mula-Marmela é pelo narrador enfatizado. Todo o conto, no entanto, consiste em rever a história desta personagem, lendo-a a partir de perspectiva diferente: aquela do narrador que tem competência para instaurá-la numa tradição. Mula-Marmela é um *pharmakós*, disto não há a mínima dúvida, porém, como tal, deve ser vista em sua duplicidade: aquela que mata e aquela que cura. Se a comunidade vê nela apenas o aspecto negativo, o narrador, por seu discurso, muda o negativo em positivo, apresentando o outro lado da moeda. A predominância do prefixo “mal” constante no conto como um todo tem sua contrapartida no prefixo “bem” presente no título, “A benfazeja”. Aliás, o próprio nome da personagem traz em si esta ambigüidade própria ao *pharmakós*. Mula é aquela que é estéril e híbrida, mas cuja função reside em carregar o outro, em suportar pesos que lhe são alheios. Mula-Marmela jamais pariu um filho, porém vida afora carregou o peso daqueles que simbolizavam o mal para a comunidade: Mumbungo, o marido, e Retrupé, o enteado. Marmela, feminino de marmelo, é o fruto ácido que serve, no entanto, para fazer doces. Mula-Marmela com golpe certo cortou os rompantes dos parceiros, pai e filho, porém com doçura antes os manteve ao seu lado. Ressaltar o positivo no negativo é a função do narrador que termina seu conto enfatizando a necessidade de transformar a história singular de Mula-Marmela em bem comum a ser transmitido às gerações vindouras: “E, nunca se esqueçam, tomem na lembrança, narrem a seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com esses seus olhos terrorosos, e não souberam impedir, nem compreender, nem agradecer. (...) Pensem, meditem nela, entanto.”¹⁸

A exclusão de Mula-Marmela da cidadela efetiva-se pela vontade da própria personagem. Estando completamente só, nada lhe resta no espaço em que viveu com o marido e com o enteado, espaço este no qual, à maneira de uma Eumênides, cuidou da permanência da ordem para a paz dos cidadãos. Diferentemente de Édipo, sua exclusão não contou com a indignação respeitosa da comunidade. Esta é a revolta do narrador que institui seu discurso persuasivo a fim de salientar o perigo do desrespeito com a personagem trágica. O narrador culto sabe da tradição na qual Mula-Marmela se instaura. Sabe das promessas feitas por Palas Atena às Erínias para que aceitem o papel de Eumênides na pólis recém fundada. A sertaneja de Guimarães Rosa conta apenas com o silêncio repulsivo dos habitantes da pequena cidade. O papel do narrador no conto rosiano consiste em advertir a necessária inserção de Mula-Marmela na tradição e o devido respeito que deveria merecer por parte daqueles que se beneficiaram de suas ações.

Notas

- 1 ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. P. 113-122.
- 2 Ibidem, p. 113.
- 3 Ibidem.
- 4 ibidem., p. 116.
- 5 Ibidem., p. 116-117
- 6 RICOEUR, Paul. *La Symbolique du Mal*. Paris: Aubier/Montaigne, 1960.
- 7 Rosa, op. cit, p. 121.
- 8 HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 498.
- 9 Rosa, op. cit, p. 115.
- 10 Ibidem, p. 115.
- 11 Ibidem, p. 114.
- 12 Ibidem, p. 115.
- 13 VERNANT, Jean-Pierre. *O Universo, os Duses, os Homens*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 25.
- 14 VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Tradução de Anna Lia de Almeida Prado, Maria da Conceição Cavalcante e Filomena Hirata Garcia. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 20.
- 15 Rosa, op. cit., p. 113.
- 16 ÊSQUILO. *Oréstia*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 182.
- 17 Rosa, op. cit., p. 113.
- 18 Ibidem, p. 121-122.